

Severidade das principais doenças da videira ‘Bordô’ sob manejo biológico em substituição a fungicidas

João P. P. Gardin¹; João F. M. dos Passos²

¹ Epagri – Estação Experimental de Videira, Videira-SC; ² Epagri – Estação Experimental de Lages, Lages-SC.
joaogardin@epagri.sc.gov.br

A videira ‘Bordô’ (*Vitis labrusca*) é amplamente cultivada no Sul do Brasil para a elaboração de sucos e vinhos de mesa, e seu manejo fitossanitário depende de aplicações frequentes de fungicidas para o controle de doenças fúngicas, especialmente míldio, antracnose e mofo-cinzeno. Esse modelo eleva os custos de produção e a presença de resíduos, pressionando por alternativas mais sustentáveis. A substituição de parte dos fungicidas por agentes biológicos multiplicados na própria propriedade (on farm) é promissora, porém sua eficácia precisa ser comprovada a campo, sob diferentes pressões de doença. O objetivo deste trabalho foi comparar a severidade das principais doenças da videira ‘Bordô’ sob manejo biológico e manejo químico convencional. O estudo foi conduzido em vinhedo comercial em Arroio Trinta-SC, nas safras 2023/24 e 2024/25, em áreas pareadas: manejo químico (fungicidas conforme a recomendação usual do produtor) e manejo biológico (esterco ovino, *Trichoderma* spp. e *Bacillus* spp. — *B. subtilis*, *B. pumilus* e *B. amyloliquefaciens* — multiplicados on farm em biofábrica e aplicados ao longo do ciclo). A severidade de antracnose (folhas e ramos), míldio (folhas) e mofo-cinzeno (cachos) foi avaliada em dez plantas por manejo, em três datas por safra, pela escala de McKinney, obtendo-se o índice de doença (ID). Os manejos foram comparados pelo teste não paramétrico de Mann-Whitney ($p < 0,05$). Em 2023, ano de elevada pluviosidade (El Niño) e alta pressão de doença, o manejo químico controlou melhor a antracnose, com ID significativamente menor que o biológico nas folhas (42,5% vs. 65,8%; $p = 0,006$) e nos ramos (31,7% vs. 50,8%; $p = 0,016$). Em 2024, sob menor pressão, os manejos não diferiram para antracnose em folhas (40,0% vs. 37,5%) nem em ramos (24,2% vs. 22,5%; $p > 0,05$), com leve vantagem numérica do biológico. Para o míldio foliar, o biológico apresentou severidade numericamente maior, porém sem diferença significativa nos dois anos (2023, $p = 0,12$; 2024, $p = 0,055$) e com melhora progressiva ao longo da safra. Para o mofo-cinzeno, não houve diferença entre os manejos (2023: 31,3% vs. 39,4%, $p = 0,34$; 2024: 23,8% vs. 25,6%, $p = 0,79$), e a diferença relativa de controle caiu de -26% para -7,9% entre os anos. O oídio não ocorreu de forma relevante, por se tratarem de anos chuvosos. Conclui-se que, sob menor pressão de inóculo, o manejo biológico on farm controlou míldio, mofo-cinzeno e antracnose de forma estatisticamente equivalente ao manejo químico, sendo a antracnose a doença mais sensível à alta pressão climática. Considerando o menor custo dos insumos biológicos, os resultados indicam potencial de substituição parcial de fungicidas na videira ‘Bordô’, recomendando-se mais um ciclo de avaliação para consolidação dos resultados. A equivalência observada em condições de menor pressão de doença reforça que programas com biológicos multiplicados on farm podem reduzir a dependência de fungicidas na cadeia da uva ‘Bordô’, com ganhos ambientais e econômicos para pequenos e médios viticultores.

Palavras-chave: controle biológico, *Bacillus* spp., índice de doença, *Trichoderma* spp., manejo sustentável

Apoio: FAPESC.